

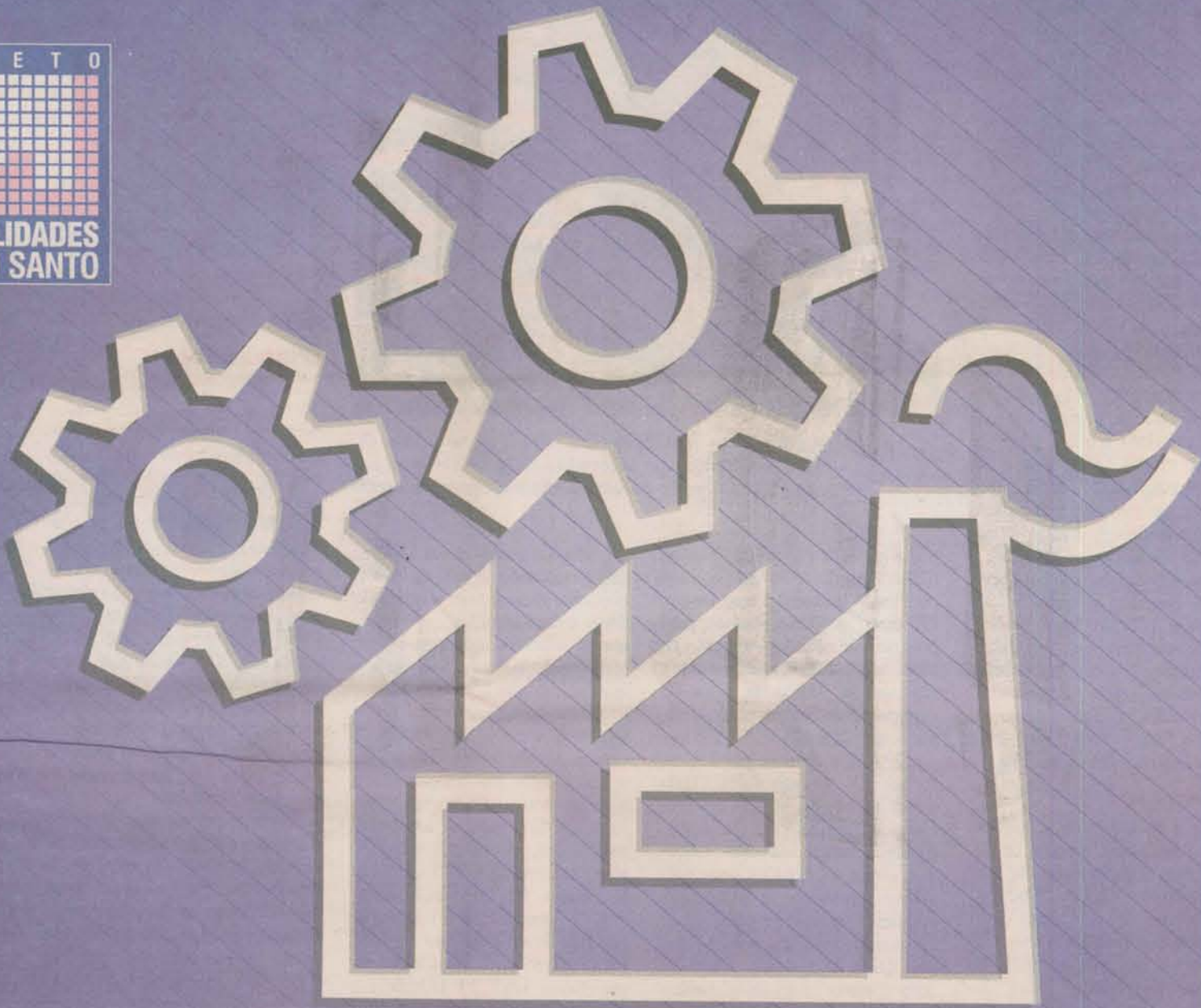
# ESPECIAL

A113214-1

VITÓRIA-ES, QUARTA-FEIRA, 27 DE JULHO DE 2005

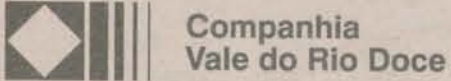
# Indústria

PROJETO  
POTENCIALIDADES  
DO ESPÍRITO SANTO



Patrocínio

Realização



A GAZETA



# Findes avalia índices industriais com otimismo

IBGE apontou que, em maio, a produção industrial capixaba cresceu, mas índice está abaixo da média nacional

**P**ara o presidente da Federação das Indústrias do Estado do Espírito Santo (Findes), Lucas Izoton, a indústria capixaba vem se desenvolvendo, a cada ano, de maneira muito intensa, principalmente as indústrias voltadas para as grandes plantas industriais, que têm commodities e têm, no mercado externo, sua maior clientela.

Em maio, a produção industrial capixaba apresentou crescimento em comparação com o mesmo período do ano passado, mas o índice está abaixo da média nacional, de acordo com pesquisa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No Espírito Santo a alta identificada é de 2,2%, enquanto a média nacional fica em 5,5%. Os destaques da produção capixaba ficaram com a indústria de minerais e metálicos (8,8%) e metalurgia básica (11%). Entre as atividades pesquisadas, a de alimentos sofreu a maior queda (13%). Segundo informações da Findes, o Espírito Santo possui, aproximadamente, sete mil indústrias formais, o que movimenta 120 mil empregos diretos e 340 mil indiretos. O crescimento do Espírito Santo nos últimos anos está acima da média brasileira.

## EXPORTAÇÃO

Lucas Izoton citou a concentração, no Estado, do pólo de petroquímica, a exportação do aço produzido pela CST e a produção de celulose. "Se juntarmos o sul da Bahia e o leste de Minas Gerais, temos hoje o maior pólo de celulose do mundo". Para demonstrar a variedade industrial do Espírito Santo, Izoton citou ainda a indústria de rochas ornamentais, pois o Estado tem participação de 45% das 6,4 milhões de toneladas produzidas anualmente no Brasil, o que representa 2,8 milhões de toneladas/ano.

"Somos exemplo também no setor de café, que tem presença muito grande na economia do Estado, sendo o quinto produto da



Lucas Izoton alertou para a necessidade de desenvolvimento dos setores têxtil e de alimentos e bebidas para aumento da economia e empregabilidade

nossa pauta de exportação. Somos o maior produtor de café conilon do Brasil", destacou Lucas Izoton. Os cinco produtos citados pelo presidente da Findes - minério de ferro, aço, celulose, rochas e café - representam 93,4% da pauta de exportação do Estado, sendo o minério responsável por 38%, o aço por 27,4%, a celulose por 17,1%, rochas 6,7% e, café, 4,2%. "Todo o restante é 6,6%, ou seja, nós precisamos trabalhar para que outros produtos como vestuário, calçados, alimentos, bebidas, setor moveleiro, artesanato e fruticultura realmente tenham destaque maior em nossa economia, pois o Espírito Santo é o estado brasileiro com o maior nível de globalização", analisou Lucas Izoton.

A análise do presidente da Findes baseou-se no índice do PIB capixaba, que participa de aproximadamente 2% do PIB brasileiro. No entanto, no comércio exterior, o índice capixaba está perto da casa dos 5%. "No ano passado, exportamos cerca de US\$ 4,1 bilhões e importamos US\$ 3,1 bilhões. Quer dizer, tivemos saldo próximo de um US\$ 1 bilhão. Só que, este ano, tanto as

importações quanto as exportações estão crescendo acima da média brasileira, mesmo com a queda do dólar, e isso significa que vamos chegar próximos a quase a 5% da participação do comércio exterior brasileiro, contra 2% do PIB".

Lucas Izoton destacou que o Estado já cresceu, em termos de exportação, no período de janeiro a maio, 39% em comparação a igual período do ano anterior. "Isso significa dizer que, se continuarmos assim, poderemos exportar algo em torno de US\$ 5,6 bilhões de dólares. Na importação, estamos crescendo 46% e isso significa que devemos ir para algo em torno de US\$ 4,4 bilhões, o que representaria US\$ 10 bilhões em movimentações de comércio exterior", disse Lucas Izoton, citando o Fundap como grande incentivador das importações.

A meta do marco estratégico da indústria brasileira é chegar, em 2015, com as exportações atingindo 30% do PIB brasileiro. "Hoje, só o Espírito Santo está com 34%. Então, é só uma reflexão para a gente ver que o Espírito Santo está crescendo bastante, mesmo com o

dólar baixo". Falando sobre o crescimento da indústria capixaba, Lucas Izoton separou o assunto em dois patamares. "Uma coisa são os produtos, commodities voltados para o comércio exterior. Outra coisa são produtos voltados para o mercado brasileiro, onde cito o setor moveleiro, o de alimentos, de bebidas, fruticultura, calçados, confecções. A construção civil, que é muito voltada para o mercado estadual, vai bem, apesar de termos déficit de aproximadamente 110 mil moradias".

## PETRÓLEO E GÁS

É nítido que a cadeia gás/petróleo vai alavancar grande crescimento no Espírito Santo e, segundo Lucas Izoton, os investimentos entre os anos de 2005 e 2010, deverão chegar a US\$ 9 bilhões, sendo US\$ 6 bilhões de responsabilidade da Petrobras e outros US\$ 3 bilhões oriundos de parcerias com multinacionais. "Isso vai gerar grande crescimento. Para se ter idéia, o Espírito Santo, que até dezembro de 2002 só tinha de reservas cerca de 300 milhões de barris de petróleo, em 2005, apresenta 4 bilhões de barris de petróleo, ou seja, multiplicamos por 13 as nossas reservas em pouco mais de dois anos", calcula.

Sobre as perspectivas de crescimento em outros setores industriais devido à instalação da indústria de petróleo no Estado, Lucas Izoton apostou no rápido desenvolvimento do setor metalmeccânico. "Eu não posso precisar números, mas está

comprovado que em todo o local onde existe a cadeia gás/petróleo, o metalmeccânico cresce de maneira significativa". Além do metalmeccânico, o setor de transportes, com destaque para a frota de helicópteros no Estado, a estrutura portuária e a construção civil foram citados como favorecidos pela instalação da indústria do petróleo.

"Um outro vetor de crescimento é a própria Companhia Vale do Rio Doce, que tem interesse em colocar uma unidade de ferro-esponja e mudar todo o sistema de energia das suas oficinas de petroquímica. A cadeia petrolífera vai proporcionar um crescimento acentuado no Espírito Santo, apesar de não sermos unicamente dependentes de gás e petróleo como em algumas regiões do mundo", comentou Lucas Izoton.

Sobre o setor de vestuário, o presidente da Findes disse que o Estado do Espírito Santo precisaria crescer a exemplo do que outros países em desenvolvimento fazem, como é o caso de Índia, China, Egito e Indonésia, fortalecendo a área de vestuário, que é compreendida pelos segmentos têxtil, confecções, calçados e acessórios. "A área de vestuário é o maior empregador feminino do Brasil, já que 85% dos empregos gerados são para mulheres e, principalmente, mulheres de condição sócio-econômica baixa, que não têm grande nível educacional, sendo que não se exige delas um alto nível de capacitação tecnológica profissional".

## ESPECIAL

Coordenador de Cadernos Especiais  
José Carlos Corrêa  
jccorrea@redgazeta.com.br

Publicidade  
Vitória: (27) 3321-8346  
Cachoeiro: (28) 3522-8705 - (28) 3522-8544  
Colatina: (27) 3721-0882 - (27) 3721-4979  
Linhares: (27) 3371-0408 - (27) 3371-4118  
Guarapari: (27) 3361-1835 - (27) 3362-0448  
S. Mateus: (27) 3763-2567 - (27) 3763-1833

Editor  
Álvaro Vargas Filho  
Textos  
Flávia Fernandes  
Editor de Arte  
Paulo Nascimento  
Diagramador  
Miguel Leite



# Entidade defende parceria para o desenvolvimento

Alternativa pode ser a saída para os setores que carecem de investimentos e incentivos para se desenvolverem

empresariais para concretização de experiências bem sucedidas de outros países em desenvolvimento, para oferecer condições ao desenvolvimento do setor têxtil no Estado, com facilidades mercadológicas. "Diria que o Espírito Santo deveria ter como exemplo, no setor têxtil, a Índia, a China, a Indonésia e o Egito, que trabalharam para desenvolver o seu setor", diz o presidente da Findes.

As áreas de alimentos e bebidas também foram citadas por Lucas Izoton como setores que precisam de incentivos. "Até mesmo para que possamos implantar a cultura do capixabismo para trabalharmos, de maneira psicológica, a auto-estima

do capixaba para que ele dê preferência para os produtos fabricados aqui. Hoje temos um grande número, por exemplo, de marcas capixabas de água mineral e por que temos de consumir água mineral de outros estados?", questionou.

## MICRO E PEQUENO

Atualmente o Espírito Santo possui cerca de 80 mil micro e pequenas empresas que representam mais de 99% das empresas capixabas. São quase 200 mil empreendedores informais, ou seja, de baixa renda, que não podem ser lidos nessas 80 mil empresas formais. "O Espírito Santo, assim como todo o Brasil, depende muito do nível das mi-

cro e pequenas empresas, pois apesar delas representarem apenas 20% do PIB, elas movimentam 60% dos empregos existentes, com uma agravante: 95% dos empregos gerados no Brasil, nos últimos anos, provêm das micro e pequenas empresas e não das grandes plantas", informou Lucas Izoton, que além de presidente da Federação das Indústrias do Espírito Santo (Findes), é também presidente do Conselho da Micro e Pequena Empresa (Compem) da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Em Brasília, a atuação do Compem está voltada para a sensibilização dos parlamenta-

res para que seja aprovada a Lei Geral das Micros e Pequenas Empresas. "Nossa meta é de que, até outubro, a Lei Geral seja votada e aprovada para que, em janeiro de 2006, possa entrar em vigor, fazendo com que cerca de 5,2 milhões de empresas brasileiras sejam beneficiadas. Nosso receio é de que o governo federal, junto com alguns governos estaduais, ou mesmo cidades do Norte/Nordeste, não sejam sensíveis a essa proposta de lei e criem problemas, aprovando a Lei Geral com muitas modificações. Se isso ocorrer, estaremos adiando a aceleração do desenvolvimento das micro e pequenas empresas do Brasil", ressaltou Lucas Izoton.

**A** sugestão da Findes é que haja uma grande união entre governo estadual, governo municipal e entidades

## A indústria capixaba em números

### SETORES

#### Móveis

Empresas	750 empresas
Produção anual	700 mil peças
Participação na produção seriada nacional	10%
Faturamento anual	R\$ 500 milhões
Empregos diretos	12 mil

#### Confecções

Nº de empresas	1,6 mil (MPE na maioria)
Exportações	entre 1% e 2% exportam
Produção anual	70 milhões de peças
Empregos diretos	24 mil (80% mão-de-obra feminina)
Faturamento	R\$ 1,6 bilhão (incluindo exportação)

#### Rochas

Movimentação (incluindo fornecedoras de equipamentos e insumos)	US\$ 2,8 bilhões
Total exportado BR	US\$ 600 milhões
Total exportado ES	US\$ 337,4 milhões
<b>Empregos</b>	
Diretos BR	125 mil
ES	32 mil

#### Alimentos e Bebidas

<b>Bebidas</b>	
Crescimento	10,5% (2004)
<b>Empregos</b>	
Diretos	5 mil
Indiretos	5 mil
Empresas	300
Informais	160
Representa 1% do PIB estadual	

#### Alimentos / Massas

Crescimento (2004)	13,53%
Emprego (2004)	2 mil
Crescimento	10,53%

#### Alimentos / Panificação

<b>Empregos</b>	35 mil
Indiretos	20 mil
Diretos	15 mil

#### GERAÇÃO DE MÃO-DE-OBRA

Empregos diretos

120 mil

Empregos indiretos

340 mil

#### DESEMPENHO DA INDÚSTRIA (maio/2005)

Índice estadual alta de	2,2%
Média nacional alta de	5,5%

#### Destaques:

Indústria mineral e metálicos alta de	8,8%
Metalurgia básica alta de	11%
Alimento sofreu a maior queda	13%



A313214-4

# Setor enfrenta concorrência estrangeira

Devido ao volume de obras, o segmento mecânico do Estado está sendo visto como eldorado, o que tem atraído grande número de empresas internacionais

O volume de obras e a demanda por serviços estão movimentando positivamente a indústria mecânica do Estado. Desde a exploração de petróleo e gás natural até a expansão das grandes empresas, a oferta de serviços é tida como histórica no Espírito Santo, o que tem contribuído para o incremento da competitividade das empresas capixabas. Para o presidente do Sindimecânica, Ennio Modenesi Pereira, o volume de negócios gerados tende a ocupar não só todo o segmento do Estado, como também abrir mercado para que empresas de outros estados e, até mesmo, de nível internacional procurem as terras capixabas como novo eldorado.

"Muitas empresas de fora já estão se instalando aqui no Estado, então digo que o grande desafio agora é caminhar rápido para conseguirmos a melhor fatia dos negócios. Temos de primar por isso, para que o grande volume não seja deixado para empresas de outros estados ou países, como, por exemplo os italianos, que estão vindo com força para cá", verificou o presidente do Sindicato da Indústria Mecânica do Estado do Espírito Santo (Sindimecânica).

## TECNOLOGIA

Na briga pela concorrência, Modenesi destacou que não falta a empresa capixaba competência, mas algumas especificidades que tangem a alta tecnologia, o que, em sua opinião, não é encontrada no Estado. "O trabalho que o Sindimecânica inicia agora tem base na construção de parcerias tanto institucional, como comercial, para seus associados. Queremos trazer essa tecnologia para as empre-

sas capixabas", destacou.

A realidade vivida pelas empresas capixabas, com o aumento de empresas globais se instalando por aqui é uma das preocupações do setor, pois as empresas locais vão se deparar com fortes concorrentes, muitas vezes até mesmo com grupos internacionais que têm bastante fome de mercado. A preocupação se refere ao fato de as empresas capixabas terem preparado o terreno para que grupos de fora do estado desfrutem do requinte das grandes obras que surgirão aqui. Para Ennio Modenesi, a "fórmula mágica" para a reserva de mercado está no desenvolvimento da tecnologia, principalmente da alta tecnologia. "Precisa-

mos de consciência de grupo, o que será fundamental, pois se juntarmos todo o setor metalmeccânico capixaba, talvez teremos uma empresa forte", considerou.

## UNIÃO

Como exemplo das medidas utilizadas para a reserva do mercado capixaba, o presidente do Sindimecânica citou o Consórcio Construmetal, que visa a construção de uma grande empresa por meio da parceria entre empresas de médio e pequeno porte. "Esse consórcio está virtualizando uma empresa muito maior para que a gente possa fazer uma obra do início ao fim. No caso, para o contratante, o negócio será tocado com uma só

empresa, apesar das muitas existentes". Na realidade, o Construmetal é formado por seis empresas que se unem em uma só para disputar uma obra. Segundo informações de Ennio Modenesi, a criação de consórcios no setor não é uma novidade no Estado.

"Existem outros consórcios que têm o mesmo fim no mercado, mas talvez a novidade do Construmetal seja a característica de um consórcio permanente, se diferenciando da maioria que, geralmente, é criada para obras específicas", explicou o presidente do Sindimecânica.

De qualquer maneira, a necessidade de o setor mecânico capixaba caminhar junto é latente frente ao grande desenvolvimento pelo qual atravessa o Estado. Ennio Modenesi lembrou que essa não é uma característica das indústrias capixabas, pois há muita competitividade. "Nesse momento, temos de inverter essa posição, senão ficaremos com a fatia menos atrativa do bolo. As indústrias capixabas ganham em muitos requisitos, como na questão ambiental, que está bem equalizada, pois as empresas já sabem que têm de cumprir regras e estão fazendo por onde", destacou.

## EMPREGABILIDADE

A empregabilidade no setor mecânico está crescente porque as obras já se iniciaram e irão demandar mão-de-obra por alguns anos. A grande oferta, no entanto, criou um cenário de carência de alguns profissionais em determinadas áreas, principalmente as específicas. Há dificuldade no mercado,

por exemplo, de se encontrar alguns tipos de soldadores, mas as funções de caldeireiro, soldador, fresador e torneiro-mecânico despontam como as mais solicitadas.

"Aí é que entra o trabalho do Senai, desenvolvendo cursos e treinamentos. Em duas empresas do setor, por exemplo, o número de empregos saltou de 100 para 400 nos últimos três meses. Na Metalúrgica União, por exemplo, que está fazendo uma obra de nível internacional e que concorreu com empresas nacionais e estrangeiras, há 400 empregados e, até o final do ano, irá chegar a mil empregados qualificados. A tendência é ofertarmos, até o final do ano, mais mil empregos diretos", estimou o presidente do Sindimecânica.

Para ele, o mais importante no momento é agregar valor ao trabalho do profissional. "O Senai já equaciona a questão do treinamento da mão-de-obra, mas quanto à empregabilidade no setor de alta tecnologia, isso será mais complicado porque as empresas não cedem tal tecnologia. Assim será necessário um trabalho sofisticado para buscar junto à detentora do know-how uma parceria, para que a indústria local possa participar da cadeia de empregos", diferenciou Ennio Modenesi.

O presidente do Sindimecânica citou como ações de mercado a criação do Exportes, programa coordenado pelo governo do Estado em parceria com a Fines e apoio da CST, do Gerres, do Ministério da Indústria e do Comércio e Ministério das Relações Exteriores. O projeto, pioneiro no Brasil, visa obter um banco de dados com imagem de todos os produtos fabricados no Estado. "Dessa forma, será possível fazer a divulgação do comércio exterior capixaba, pois a divulgação é feita pelo Brasil Trading Net, que mantém um banco de dados ativo de compradores do mundo inteiro, enviando diariamente, uma news letter de mais de 40 mil compradores ativos".

A intenção do Exportes é fazer com que o comprador internacional veja o produto capixaba e, através desse estímulo, se interesse pelos produtos. Outra questão é quanto à agilização sobre o processo de exportação das micro e pequenas empresas, que necessitam de suporte para tal. Para participar do Exportes, basta fazer um cadastro e enviar uma foto do produto para ser exposto no endereço eletrônico [www.exportes.org.br](http://www.exportes.org.br).



Flávia Fernandes

Ennio destacou a necessidade de união do setor para a disputa nas grandes obras



# Em ritmo de expansão no Estado

AJ13214-5

Perspectiva de crescimento da indústria metalúrgica é de 10% ao ano em função das expansões industriais no Espírito Santo

**D**entro dos arranjos produtivos locais, o setor metalmeccânico talvez seja o que mais tenha se beneficiado do crescimento do Estado devido à participação de suas

empresas nos grandes projetos industriais, como nas plantas de papel e celulose, metalúrgica, siderúrgica e de mineração. O setor tem produção voltada para a indústria de base e, dado aos investimentos, a perspectiva de crescimento é de 10% ao ano.

A característica do setor metalmeccânico capixaba é a criação de grande número de empregos e de postos de trabalho. "O setor é muito grande e tem aproximadamente cinco mil empresas que, de certa forma, são metalúrgicas. São 140 empresas filiadas ao Sindifer e, nessas, estão as mais significativas, com perfil de grande e médio porte", disse o presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas e de Material Elétrico do Estado (Sindifer), João Marcos Del Puppo. De forma expressiva, o setor metalmeccânico capixaba tem 40 anos de atuação e movimentou cerca de 17 mil empregos diretos, incluindo os

existentes na Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST).

As perspectivas de crescimento do setor estão focadas nos 9,2 mil postos de trabalho que deverão ser criados até 2007 no Estado, em função da expansão de grandes empresas como CST, CVRD, Samarco, Aracruz Celulose e Petrobras. "O crescimento do setor está atrelado à capacidade das empresas em agregar valor ao produto final. Se isso não ocorrer, empresas de fora poderão ocupar o espaço das indústrias capixabas, mas a perspectiva é boa, pois o setor metalmeccânico investiu em qualidade. Será preciso se preparar, principalmente na questão tecnológica, seja com capacitação da fábrica ou qualificação da mão-de-obra", alertou o presidente do Sindifer.

Segundo ele, o Senai tem atendido à demanda de mão-de-obra

no setor, mas tal formação estará sempre em descompasso com a capacidade de crescimento das empresas. "Por isso é necessário o planejamento das empresas antes de grandes investimentos. A intenção é formar constantemente mão-de-obra para atender ao crescimento do Estado, mas queremos que as grandes empresas digam para o setor qual será o tipo de mão-de-obra desejada para podermos focar a questão", observou Del Puppo.

No setor, a mão-de-obra mais requisitada no momento abrange as funções de caldeireiro, soldador, instrumentista, eletricista, mecânico montador e pintor. "São categorias que, na verdade, atendem a qualquer tipo de empresa do setor metalmeccânico, pois o mesmo soldador que trabalha para uma empresa metalmeccânica capixaba, pode soldar para a Petrobras. Quando se fala

que não há mão-de-obra no Estado para o petróleo, a afirmação é uma inverdade, pois o soldador formado pelo Senai serve para vários tipos de indústria, mas em certos casos, há especificidades, no entanto, os profissionais são os mesmos", avaliou o presidente do Sindifer.

Ele lembrou que os investimentos da Petrobras no Estado, em 10 anos, chegarão a US\$ 6 bilhões. "Os números assustam e, realmente, não há preparação local para um volume de investimentos desse porte. Isso é natural e isso já aconteceu em outros lugares. Mas se a Petrobras apresentar para a comunidade industrial ou formadora de mão-de-obra qual a demanda de profissionais, conseguiremos atender em parte. É preciso que a Petrobras fale qual é o perfil desse profissional", cobrou Del Puppo.

F. NAZCA/SAB



ELAS APRENDEM A FAZER ROUPAS DE LINHO, ALGODÃO E SEDA. E O QUE É MAIS IMPORTANTE: APRENDEM A FAZER RENDA.



FÁBRICA DE ROUPAS:

UMA INICIATIVA QUE CAPACITA MÃES CARENTES, É MAIS UM PROJETO DO CIRANDA CAPIXABA, O PROGRAMA SOCIAL DA PETROBRAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO ESPÍRITO SANTO



O DESAFIO É A NOSSA ENERGIA



# Desenvolvimento cria competitividade na construção pesada

**A** indústria da construção pesada é um termômetro para verificação do nível de desenvolvimento do Estado e a realidade vivida pelo setor não deixa dúvida de que o mercado está aquecido. Com nível de empregabilidade de seis mil funcionários, diretos e indiretos, e expectativa de R\$ 500 milhões em investimentos até o ano de 2006, o setor é um dos que mais cresce no Estado, principalmente, em função da retomada das obras públicas.

Segundo informações de Wilmar dos Santos Barroso Filho, presidente do Sindicato da Indústria da Construção Pesada do Espírito Santo (Sindicopes), em seu primeiro ano de administração, o governo estadual investiu R\$ 20 milhões no setor. No ano passado, foram investidos mais R\$ 100 milhões e, até maio deste ano já foram R\$ 140 milhões. "Nossa expectativa é de os recursos cheguem a R\$ 200 milhões até o final de 2005 e, no que vem, com o apoio dos projetos de financiamento, a expectativa é de que sejam investidos R\$ 500 milhões no setor", disse o presidente do Sindicato.

Um dos desafios do setor é conseguir destaque nas grandes obras que estão em andamento no Estado. "Estamos implementado ações junto ao setor da indústria de base local, com apoio da Sedetur. Assim, temos nos colocado como a indústria fornecedora de bens e serviços para os grandes projetos industriais que estão fazendo ampliações e instalações no Estado", informou Wilmar Barroso.

## OBRAS

A intenção é fazer uma pauta, a ser encaminhada para a Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo do Estado (Sedetur), visando, principalmente, os investimentos da Samarco. Segundo Wilmar, o setor da construção pesada pretende ter participação efetiva nessas obras. "Queremos ser convidados para ofertar mão-de-obra, tendo oportunidade de participar, como executores, dos grandes pacotes que as grandes empresas irão tocar. Também há a CVRD, que tem em vista um projeto de expansão e outros projetos na área de logística. Queremos também ofertar mão-de-obra a Petrobras".

Depois de falar das obras pri-

O montante de obras públicas aqueceu o mercado e, em algumas funções, já há carência de mão-de-obra

vadas, o presidente do Sindicopes salientou que, na área de obras públicas, a retomada dos investimentos é o diferencial do Estado, pois há muita aplicação de recursos na área de rodovias e de infra-estrutura. Há também

grandes projetos sendo licitados na parte de saneamento, como o projeto "Águas Limpas", da Cesan e, na parte rodoviária, há pacotes de obras rodoviárias financiados pelo Banco Mundial.

"Nosso desafio é estarmos

preparados para atender a expectativa, pois o governo tem prazo para concretização dessas obras. O Estado teve, durante muito tempo, uma estagnação no setor rodoviário e, agora, temos obras praticamente em todo território capixaba. Todas as nossas empresas, praticamente, estão com contrato em execução", confirmou o presidente do Sindicopes, que possui 42 empresas associadas.

## DESEMPENHO

Wilmar Barroso salientou que um forte indicativo quanto à credibilidade do setor foi a assinatura de um convênio com o Banestes. "O banco já está aceitando os contratos assinados com o Estado para abrir uma linha de crédito de 30% do valor do contrato. Ou seja, o contrato hoje se tornou um título com liquidez, coisa que não experimentávamos há mais de 10 anos. Isso é um sinal de que o mercado está dando resposta", avaliou.

Num comparativo da performance do setor, o Sindicopes informou que, no ano de 2004 foram investidos R\$ 35 milhões. Já este ano, foram mais R\$ 90 milhões, sendo 50% de recursos próprios e 50% de financiamento. Em 2006, a expectativa é de que sejam investidos mais R\$ 100 milhões, sendo 45% de recursos próprios e 55% oriundos de financiamento.

Em rodovias e intervenções urbanas do Estado foram investidos, em 2003, R\$ 20 milhões. Em 2004, o investimento saltou para R\$ 100 milhões. Este ano, para R\$ 200 milhões e, em 2006,

a expectativa quanto aos investimentos é de R\$ 330 milhões. "Gostaria de ressaltar que, em 2006, haverá a parte do Bird, com financiamento de R\$ 116 milhões. Atualmente, em andamento, ou seja, obras que serão concretizadas, temos reabilitação e pavimentação de rodovias, com investimentos de R\$ 170 milhões; serviços emergenciais, com R\$ 30 milhões e conservação de estradas, com R\$ 20 milhões, o que completa uma quilometragem de 200 quilômetros de obras em andamento, entre os anos de 2005 e 2006", delimitou Wilmar Barroso.

A demanda por mão-de-obra no setor é tão grande que, em algumas funções, já existe carência para contratações, como no caso da área técnica. "Nossa dificuldade está em encontrar pessoal qualificado. Até mesmo no caso de contratação de um operador de máquina, há dificuldade de se encontrar profissional no mercado. Devido ao aquecimento, temos dificuldade, em algumas vezes, de adquirir equipamentos".

A recuperação da capacidade de investimento do Estado atrai competitividade e não resta dúvidas de que empresas de outros estados virão participar de licitações em terras capixabas, concorrendo com o mercado local. "De qualquer forma, a expectativa nossa é muito boa porque existe um ambiente muito favorável para novos investimentos. Há certeza de retorno na execução das obras e temos segurança, pois sabemos que a licitação será cumprida, assegurando a execução e pagamento das obras. Dai o otimismo do setor, que tem se qualificado, com capacitação profissional e tecnológica", disse o presidente do Sindicopes.

Segurança no trabalho é uma das preocupações do setor, principalmente para as empresas que atuam na área industrial. Mesmo que a maioria das empresas da construção pesada já conte com certificação de qualidade, há o desafio de se preparar a própria mão-de-obra, o que requer investimentos. Apesar do cenário, Wilmar Barroso informou que as empresas estão tendo a iniciativa de investir em treinamento, procurando suprir a deficiência do mercado quanto à mão-de-obra

Flávia Fernandes



Otimista, Wilmar citou que os contratos do setor voltaram a ter perfil de título com liquidez, coisa que o setor não experimentava havia mais de 10 anos



# Setor de areia e brita movimentada R\$ 200 milhões anuais

AJ13214-7

Entre 2003 e 2004, o setor obteve crescimento de 20% e, no primeiro semestre de 2005, o índice já chegou a 15%

O consumo de areia e brita está diretamente ligado ao cotidiano da população. Base da indústria da construção civil, oferecendo elementos estruturais para a edificação

de moradias, o setor oferece também insumos básicos para a produção de concreto e asfalto. No Estado, o número de empresas no setor, ligadas ao sindicato da categoria, o Sindipedeira, é de 95, sendo 20 pedreiras e 75 areais. O setor movimentava R\$ 200 milhões anuais e mil empregos diretos.

Entre os anos de 2003 e 2004, o setor obteve crescimento de 20% e, no primeiro semestre de 2005, o índice já chegou a 15%. Setenta e cinco por cento das 20 mineradoras de pedra britada extraem no espaço compreendido entre os municípios de Vitória e Linhares, sendo que, em Vitória, encontram-se 50% dessas empresas. Já quanto aos areiais, a maioria das empresas encontra-se na Grande Vitória e essa maioria representa as empre-

sas que têm maior capacidade instalada, representando 65% da produção total do Estado.

### INVESTIMENTOS

No Brasil, o número de empresas produtoras de pedra britada é da ordem de 450, que movimentam 15 mil empregos diretos. Há ainda, em nível nacional, mais duas mil empresas dedicadas à extração de areia, responsáveis por cerca de 45 mil empregos diretos. Apesar das restrições cada vez maiores, o setor vem se desenvolvendo continuamente. Para tanto, são requeridos investimentos em modernização tecnológica, em recursos humanos e em profissionalização que garantem a qualidade e durabilidade dos produtos. Por ser uma atividade de extração de matérias-primas mine-

rais feita necessariamente dentro ou no entorno do ambiente urbano, uma série de exigências e altos investimentos são feitos face à legislação de proteção ambiental, recuperação da área minerada e sustentabilidade ambiental.

"O grande gargalo do setor são as políticas e leis implementadas pelos órgãos ambientais. São leis extremamente restritivas e, em algumas vezes, sem objetividade. Isso atrapalha a mineração, indústria de suma importância no âmbito social, pois somos supridores de matérias-primas fundamentais para os programas de transporte, saneamento básico e outros, indispensáveis à melhoria de vida das populações urbanizadas", observou Loreto Zanotto, presidente do Sindipedeira e proprietário da

maior empresa do ramo no Estado, a Brasitália.

Para ele, o setor de extração de areia e brita está bem, no sentido de estar atendendo plenamente ao mercado consumidor. "Digo bem, no sentido de as empresas estarem com bom índice de aproveitamento, diria 75% da capacidade instalada. Pode parecer baixo, mas há um ano, este índice não passava dos 50%. Digo também que o setor está bem, no sentido organizacional das empresas em nível de produção".

Um dos desafios do setor se refere à redução da carga tributária (16%). "É um índice pesadíssimo para o setor de mineração e o setor, em nível nacional, está lutando em várias frentes para reduzir esse impacto", disse Loreto Zanotto.

GERAR E TRANSMITIR ENERGIA PARA MILHÕES DE BRASILEIROS É CONSTRUIR UM PAÍS DE TODOS.

FURNAS foi criada para gerar e transmitir energia. Mas faz mais que isso. Cuida do meio ambiente, promove o desenvolvimento e a cidadania das comunidades carentes onde atua, apóia a cultura e investe em novas tecnologias. Além disso, FURNAS participa do programa nacional LUZ PARA TODOS, com o objetivo de levar energia elétrica a milhões de brasileiros sem acesso ao serviço. E construir um país de todos.

FURNAS CENTRAIS ELÉTRICAS SA

Eletrobrás Ministério de Minas e Energia BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

FURNAS: energia para o crescimento sustentável.

O melhor do Brasil é o brasileiro. Disponível apenas em Camiseta Licenciada.

www.furnas.com.br



# Construção civil cresceu 22% no último semestre

Na Grande Vitória, os entornos das rodovias do Sol e Norte-Sul foram apontados como vetores de crescimento e, no interior, as atenções estão voltadas para Linhares

O mercado da construção civil está em fase de crescimento desde 2003, tanto no segmento do mercado imobiliário quanto nas obras públicas e privadas. No momento, o Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado do Espírito Santo (Sindicon-ES) está levantando dados sobre o setor para definir ações estratégicas. No entanto, informações repassadas mostram que no último semestre houve crescimento de 22%, com relação ao mês de novembro do ano passado, entre unidades novas lançadas e comercializadas.

## QUALIFICAÇÃO

Nos últimos dois anos, o mercado imobiliário teve crescimento bem acima da média nacional. "Isso é forte indicador de um mercado aquecido e que deverá manter-se assim, de forma sustentável, por mais alguns anos, em função de todo o desenvolvimento que vem ocorrendo em nosso Estado", disse Aristóteles Passos Costa Neto, presidente do Sindicon.

## EMPREGO

A questão do emprego é outro forte indicador. Em função das grandes obras, principalmente das obras privadas como CST, Samarco e Companhia Vale do Rio Doce, foi registrado um crescimento substancial da mão-de-obra no setor da construção civil. "Temos algo em torno de cinco mil operários, só no canteiro de obras da CST e estima-se que, no pico dessas obras, o número chegará a 10 mil. Então, o crescimento da mão-de-obra qualificada na construção civil vai ser algo também fora do normal para o nosso Estado este ano e até meados do ano que vem", estimou Aristóteles.

Tido como referência nacional em qualidade e produtividade no segmento da construção civil, o Estado abriga cerca de 800 construtoras, que empregam 60 mil trabalhadores. A construção civil participa de 9% do PIB capixaba, en-

quanto o construbusiness, que congrega toda a cadeia produtiva ligada ao setor, chega a mais de 15% do PIB. A participação da atividade capixaba no quadro nacional é de aproximadamente 3,52% do PIB.

Aristóteles informou que um emprego direto criado num canteiro de obras representa a criação de outros três indiretos em toda cadeia produtiva. Dos postos de trabalho, 74,4% correspondem à mão-de-obra de formação básica; 16,5% de formação técnica e 9% com graduação de nível superior. Das empresas pesquisadas, a CST tem o projeto que mais irá gerar empregos, mas neste caso, as vagas já estão praticamente preenchidas. Em segundo lugar como grande geradora de emprego para os próximos anos está a Petrobras.

## PODER DE COMPRA

A expectativa do Sindicon é de que o consumidor recupere o poder de compra para investimentos em imóveis. "Isso significa uma recuperação para o mercado e para o investidor. Há uma notável valorização imobiliária em nosso Estado, o que estimula o investimento nessa área e, obviamente, a aquisição de negócios", explicou.

Dentre os fatores citados por Aristóteles que vêm contribuindo para o reaquecimento do mercado imobiliário está a recuperação econômica do país, mais especificamente, a recuperação econômica do Espírito Santo. "Os sinais de reaquecimento do mercado imobiliário são muito localizados no Estado. Temos indicadores de que o Espírito Santo deverá crescer em diversos segmentos acima da média nacional e a construção civil e o mercado imobiliário são um desses segmentos", disse.

Segundo Aristóteles, o mercado imobiliário destaca-se atualmente pelo lançamento e produção de imóveis residenciais. "É a grande demanda e não poderia ser diferente. Dentro dessa demanda de imóveis residenciais, o produto dois e três quartos é o carro-chefe e tam-



Aristóteles acredita na continuidade do aquecimento da indústria da construção civil devido ao excelente momento econômico vivido pelo Estado

bém não poderia ser diferente, pois é o produto que atinge a classe média. Estamos observando um grande crescimento do turismo de negócios no Estado e este turismo demanda serviços, hotéis, apartotéis, restaurantes, etc", relacionou o presidente do Sindicon.

## PERFIL

Ele lembrou que, na parte de hotéis e apartotéis, houve, anos atrás, lançamento de alguns empreendimentos. Em sua opinião, o desenvolvimento desse tipo de nicho estacionou um pouco, pois o mercado já está abastecido, de certa forma, para oferta de locação em hotéis. "Temos de avaliar,

e os empresários estão avaliando suas estratégias. Temos de ver se o mercado demanda por mais algum produto diferenciado, lembrando, no entanto, que temos dois hotéis de nível elevado, que ficarão prontos no ano que vem e que deverão abastecer o mercado com um padrão de hotelaria classe cinco estrelas".

Aristóteles apontou como eixos de desenvolvimento imobiliário as rodovias do Sol e Norte-Sul. Às margens da Rodovia do Sol, sentido sul, houve crescimento concentrado nos últimos anos, valorizando em muito a área. "Isso é normal, pois é uma via que interliga o centro do poder, que é Vitória, a to-

da região sul. Portanto, isso é uma característica de um eixo de crescimento. Em Vila Velha, por exemplo, os bairros Itaparica, Barra do Jucu e adjacências estão crescendo a olhos vistos e a tendência é de que o desenvolvimento continue".

Na Rodovia Norte-Sul, o bairro de Jardim Camburi foi citado como vetor de crescimento, sendo que, ao longo da mesma rodovia, estão surgindo novos bairros, como o Santa Terezinha, anexo a Jardim Camburi. Laranjeiras, no município da Serra, foi outro bairro citado pelo presidente do Sindicon como favorecido pela passagem da rodovia Norte-Sul. "Grandes empreendimentos comerciais e residenciais e de serviços, estão surgindo em Laranjeiras. No entorno desses eixos citados é que o desenvolvimento imobiliário irá acontecer", analisou Aristóteles Passos Costa Neto.

## INTERIOR

O desenvolvimento imobiliário também está fomentando o interior do Estado e, na opinião do presidente do Sindicon, o norte do Estado será a bola da vez. "Temos de ficar muito atentos à região Norte. Linhares está começando a despontar como grande pólo industrial e a cadeia gás e petróleo também está localizada no município". Sendo assim, o mercado imobiliário tem de estar atento a Linhares e seu entorno porque toda a região tende a crescer. Em recente matéria publicada na imprensa, soubemos que a locação residencial em Linhares, em alguns lugares, está mais cara que em Vitória", informou Aristóteles Costa Neto.

Na região Sul, o desenvolvimento imobiliário, na opinião do Sindicon, irá depender de algumas ações institucionais de governo. "Cachoeiro de Itapemirim, que seria um pólo industrial, vive momento de dificuldade, mas acredito que o governo do Estado e a prefeitura deverão investir fortemente para que Cachoeiro volte a crescer e, assim, atrair investimentos privados".

Flávia Fernandes



A13214-9

# Faturamento mensal de R\$ 103,1 milhões

A indústria química capixaba representa-se pelos setores sucroalcooleiro, carboquímico, de adubos e fertilizantes, além da química geral

**N**a indústria química capixaba, existem quatro segmentos industriais bastante díspares em termos de mercado e administração de mão-de-obra: o setor sucroalcooleiro, o setor carboquímico, o de adubos e fertilizantes e o setor da química geral, que abrange desde um produtor de detergente até duas grandes indústrias existentes no Estado: a Nexen, que opera na área de cloro e soda, e a Bragussa Produtos Químicos, que opera na área de peróxido de hidrogênio. Ambas situadas na Aracruz Celulose.

Com 85 empresas e 3,3 mil empregados, a indústria química capixaba possui faturamento médio mensal de R\$ 103,188 milhões, com participação de 6,8% do faturamento de todo segmento industrial do Estado. O segmento participa com 2,65% do PIB capixaba e teve crescimento acumulado no faturamento, de janeiro a maio de 2005, de 10,6%. Os dados foram repassados pelo presidente do Sindiquímicos, Ernesto Mosaner Júnior, que acredita no aumento de empregos no setor, com a instalação da refinaria da Petrobras no Estado.

"A correlação do setor químico e as explorações de petróleo no Estado, em termos de empregabilidade, será positivo se houver a possibilidade de instalação de uma refinaria por aqui. Isso irá representar um incremento tremendo. Mas há boas perspectivas, até da indústria periférica, na área de química, em termos um desenvolvimento maior", disse o empresário e presidente do Sindiquímicos.

## PERSPECTIVAS

Fora da área de petróleo e gás, o crescimento de empregos na área química, possui algumas perspectivas, como na área de

adubo. "Temos no Estado empresas propagadoras de adubo, pois, por aqui, prepara-se misturas, embala-se e realiza-se a entrega", diferenciou Mosaner.

No setor químico, o crescimento de empregos, em doze meses, foi de 10,9%, índice de maio deste ano. O setor sucroalcooleiro foi outro citado por Mosaner como vetor de empregabilidade. "Deve haver uma evolução nesse setor, mas é uma mão-de-obra bastante sazonal. Na parte carboquímica tem havido crescimento, mas não é na

da substancial. Na área da química geral, temos possibilidades de crescimento tanto na Nexen quanto na Bragussa", informou.

Fazendo um apanhado da parte industrial do Estado do Espírito Santo, Mosaner comentou que até março deste ano havia um ritmo de crescimento de 6,7% em produção. "Em março, crescemos 6,7%, comparado a março do ano passado. Em abril, 5%, comparado a abril do ano passado. Em maio, 2%. Isso em termos de produção. Vemos uma tendência decrescente nos últimos três meses",

lamentou, informando que os índices do mês de junho ainda não foram contabilizados.

## VENDAS

Com relação a vendas, o setor industrial capixaba, segundo Ernesto Mosaner, cresceu 24,31% em abril, em comparação ao mesmo período de 2004. "Isso proporcionou um acumulado, de janeiro a abril, de 16,48%, em relação às vendas no mesmo período do ano passado. Em maio, no entanto, tivemos uma redução das vendas de 10,79%, em relação a maio do ano passado".

No acumulado de vendas, em maio deste ano, o índice de 10,1%, não agradou Mosaner. "Evidente que há uma série de fatores relacionados com os índices de queda. Temos assistido uma deflação, com crescimento negativo dos índices de preço. Isso é reflexo, pois nada acontece em separado. Se os preços reduziram e nós crescemos em produção, afetou demais a questão da competitividade", relacionou o empresário.

Para Mosaner, o desaquecimento nos índices comentados está atrelado aos juros. "Em setembro do ano passado começou esse viés de alta de juros", citou, comentando que o Espírito Santo apresenta atualmente uma realidade industrial um pouco diferente da do Brasil. "Estamos com uma perspectiva crescente muito forte. Não só por causa do petróleo, mas porque nossa economia sempre foi calçada por grandes empresas. Hoje o grosso do faturamento do Estado está focado na CVRD, CST, Aracruz, Samarco e Belgo Arcelor", disse.

A realidade crescente do Estado não reflete o que está acontecendo no Brasil, pois é visível a redução na taxa de crescimento, sendo os juros apontados como vilões do desaquecimento da economia. "A valorização do real em relação ao dólar também reduz a competitividade de muitos exportadores", completou Mosaner.

## SUSTENTABILIDADE

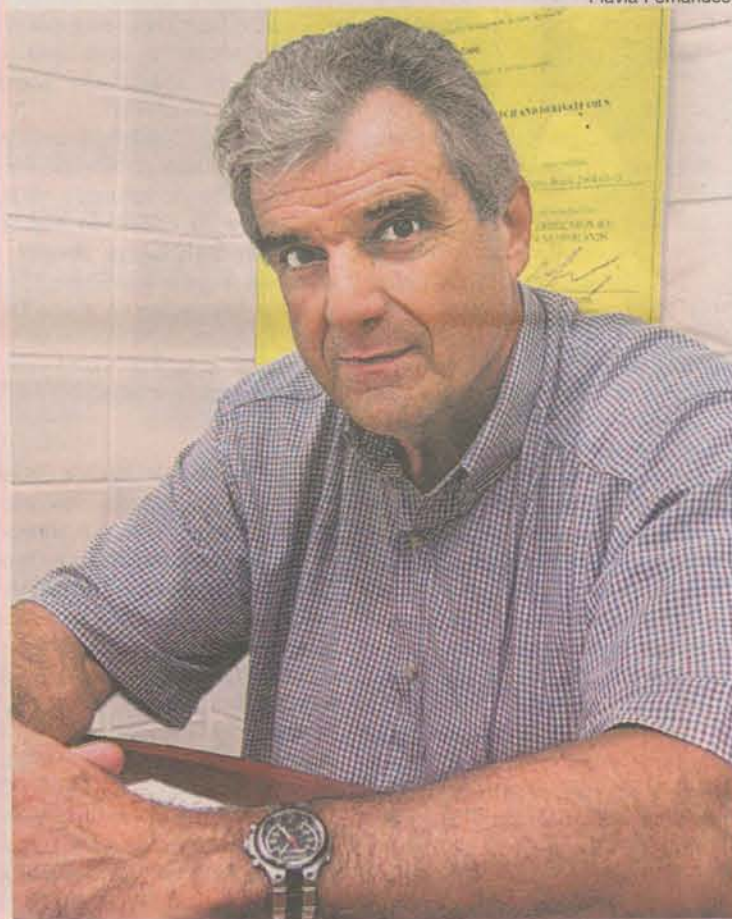
Devido à conscientização da importância da química para a vida do ser humano, a imagem da indústria química e de seus produtos melhorou, até mesmo devido ao novo modelo de desenvolvimento sustentável, que inclui os direitos humanos agregado aos cuidados ambientais. "Para as empresas serem sustentáveis nos próximos anos, cada vez mais o lado social terá de entrar em jogo, como aconteceu há

anos atrás, em que a definição de ser responsável era cuidar do meio ambiente, da saúde e da segurança. Agora, o conceito de responsabilidade passou a envolver a responsabilidade social", definiu Mosaner.

O conceito de indústria química e sua abrangência têm sido objeto de divergências que dificultam a comparação e análise dos dados estatísticos a ela referentes. No passado, indústrias independentes, como o refino do petróleo, por exemplo, eram confundidas com a indústria química propriamente dita, na qual, no entanto, não se incluíam segmentos tipicamente químicos, como, por exemplo, os de resinas termoplásticas e de borracha sintética.

Buscando solucionar ou pelo menos reduzir essas divergências, a ONU, há alguns anos, aprovou uma nova classificação internacional para a indústria química, incluindo-a na Revisão nº 3 da ISIC (International Standard Industry Classification). No Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Ibge), com o apoio da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim) e utilizando os novos critérios aprovados pela ONU, definiu uma nova Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) e promoveu o enquadramento de todos os produtos químicos nessa nova classificação.

De acordo com essa classificação, consideram-se como da indústria química, os seguintes segmentos: fabricação de produtos químicos inorgânicos (como cloro, intermediários para fertilizantes, nitrogenados e potássicos e fabricação de gases industriais); fabricação de produtos químicos orgânicos (como produtos petroquímicos básicos e intermediários para resinas e fibras); fabricação de resinas e elastômeros (resinas termoplásticas, resinas termofixas, elastômeros); fabricação de fibras, fios, cabos e filamentos contínuos artificiais e sintéticos; fabricação de produtos farmacêuticos; fabricação de defensivos agrícolas, fabricação de sabões, detergentes, produtos de limpeza e artigos de perfumaria; fabricação de tintas, vernizes, esmaltes, lacas e produtos afins; fabricação de produtos e preparados químicos diversos (adesivos e selantes, explosivos, fabricação de chapas, filmes, papéis e outros materiais e produtos químicos para fotografia, fabricação de discos e fitas virgens).



Flávia Fernandes

Mosaner apontou como vetores de empregabilidade os setores sucroalcooleiro, de adubos, carboquímica e da química geral



# Setor de bebidas com três novos projetos

Além da expansão da fábrica da Sucos Mais e das novas instalações da marca Bebidas Reggiani, com a criação da fábrica de vinagre, a Coroa terá fábrica de cerveja no Estado



A Coroa prepara-se para lançar, no verão de 2007, a primeira cerveja genuinamente capixaba

A indústria de bebidas do Espírito Santo vem se desenvolvendo desde a década de 70 e, atualmente, é representada por 320 empresas - 180 são sindicalizadas -, o que representa a sustentação de 3,5 mil empregos diretos. No Estado, existem duas grandes empresas, que é a Coca-Cola, em Cariacica, e a Sucos Mais, em Linhares, mas há três empresas de porte médio, Refrigerantes Coroa, Bebidas Reggiani e Refrigerantes Uai, que se destacam na economia.

As demais empresas do setor, que têm característica de micro e pequenas, se destacam na produção de aguardente e se distribuem em diferentes regiões do Estado. As empresas de porte maior, com exceção da Sucos Mais e da Refrigerantes Coroa, que está em Domingos Martins, estão localizadas na região da Grande Vitória. O setor de bebidas do Estado representa apenas 1% do PIB capixaba, mas contribui para a economia, pois oferta receita de R\$ 257 milhões por ano.

Segundo dados do Instituto Euvaldo Lodi (IEL-ES), de janeiro a maio de 2005, o desempenho do setor de bebidas capixaba obteve incremento de 5,7%, com relação ao mesmo período de 2004. Já quanto à mão-de-obra ocupada, considerando-se o mês de maio,

houve incremento de 11,8%.

O produto mais vendido no mercado do Espírito Santo, em termos de volume, é o refrigerante, com produção aproximada de 240 milhões de litros ao ano. Depois vem a água mineral, com 186 milhões de litros ao ano e, as bebidas quentes, com produção de 27 milhões de litros ao ano.

## MERCADOS COMPRADORES

Por se tratar de um produto de baixo valor agregado, especificamente na questão do refrigerante e da água mineral, os mercados compradores são os localizados no entorno do Espírito Santo, como Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia. "Quando falamos na bebida quente, as possibilidades de novos mercados aumentam, pois o produto possui maior valor agregado. Mas o setor de bebidas capixaba está basicamente concentrado no norte do Rio de Janeiro, leste de Minas Gerais e sul da Bahia. Em outras regiões atuamos de forma menos concentrada", informou Ademar Antônio Bragatto, presidente do Sindicato da Indústria de Bebidas em Geral do Espírito Santo (Sindibebidas).

## TRIBUTAÇÃO

Segundo Ademar, a sazonalidade na produção das bebidas,

ajuda o setor a manter-se com faturamento regular durante o ano, pois no caso das bebidas frias, que seriam a água, o refrigerante e os sucos, a produção cai durante o período de inverno, mas é compensada durante o verão. Já no caso das bebidas quentes, a relação é inversa. Dentre os desafios enfrentados, o presidente do Sindibebidas ressaltou que é permanente a preocupação quanto ao crescimento do setor.

"A grande dificuldade são as desigualdades tributárias com relação aos estados vizinhos, a chamada guerra fiscal que ocorre entre os estados brasileiros. O Espírito Santo está em desvantagem com relação a isso. Temos também uma excessiva burocracia para regularização das micro e pequenas empresas que, por conta disso, atuam na informalidade e acabam prejudicando o setor", analisou.

Para exemplificar a ação da carga tributária, Bragatto citou a questão da água mineral. "Temos um pleito junto à Sedetur quanto à questão comercial da água mineral. Queremos que ela passe a ser tratada como um dos produtos da cesta básica, ou seja, com redução da tributação atual de 17% para 7%. Entendemos que água é vida e,

portanto, é produto básico de sobrevivência. Isso está em desenvolvimento e acho que os governantes atuais são sensíveis ao nosso pleito".

Um incentivo às empresas, citado pelo presidente do Sindibebidas, é o Programa de Incentivo ao Investimento do Estado do Espírito Santo (Invest-ES), que abrange a expansão da fábrica da Sucos Mais, as novas instalações da marca Bebidas Reggiani, com fábrica de vinagre e, também, a obra para a criação da cervejaria Coroa.

## CERVEJARIA

Para o verão de 2007, a Coroa irá lançar sua cerveja. Recentemente, a fábrica obteve a aprovação da licença ambiental e, no momento, se destina a cumprir suas condicionantes. O projeto, que vem sendo desenvolvido há dois anos, pretende produzir, em sua primeira fase, 250 mil hectolitros ao ano, o equivalente a 150 mil caixas, com 24 garrafas de 600 ml, ao mês. O investimento exigiu R\$ 35 milhões, provenientes de recursos próprios e de financiamentos junto a instituições financeiras que apóiam o projeto.

Na segunda fase do projeto, a meta será produzir, dependendo da resposta do mercado, 500 mil hectolitros ao ano, o equivalente a 300

mil caixas com 24 garrafas de 600 ml ao mês. Em sua última fase, o projeto da Coroa pretende produzir 1 milhão de hectolitros ao ano, o que equivale a 550 mil caixas com 24 garrafas de 600 ml ao mês. As informações foram repassadas pelo mestre cervejeiro Erni Balle, formado pela Faculdade Técnica de Munique, na Alemanha, a mais tradicional do mundo em cervejaria.

"As obras de expansão da Coroa, para abrigar a fábrica da cervejaria, irão durar um ano e deverão ser iniciadas neste semestre", revelou Ademar Bragatto, um dos proprietários da Refrigerantes Coroa. Ele informou que o projeto de construção da fábrica de cerveja tem sido trabalhado com muito critério e que foi reformulado. "Recentemente estabelecemos todas as embalagens que serão contempladas no projeto. Assim, com a posse da licença ambiental e das condicionantes imediatas, ainda neste semestre daremos início às obras da cervejaria".

No pico das obras serão criados 250 empregos, mas 180 serão fixados para a realização de todas as etapas. "Estamos falando em aproximadamente 11 meses de obra e na fábrica serão criados cerca de 150 novos empregos diretos e 450 indiretos. É importante ressaltar que existe uma sinergia entre a fábrica atual com a fábrica futura, o que permitirá um crescimento profissional dos atuais colaboradores", destacou Ademar Bragatto, informando que a fábrica de cerveja da Coroa terá área útil de 60 mil m<sup>2</sup>.

## EXPORTAÇÕES

As exportações no setor de bebidas são pontuais, pois o setor não se caracteriza como grande exportador. Existem algumas incursões no mercado externo, porém não muito significativas, conforme explicou Ademar Bragatto. "Há algumas situações isoladas de exportação, como no caso da Refrigerantes Coroa, que recentemente enviou um lote de guaraná para a Suécia. Já enviamos também remessas para os EUA e, recentemente, houve remessa para a Suécia, com boa aceitação. Somos pontuais na exportação, até pelo fato de se adicionar água ao concentrado e, daí, estaríamos exportando, na verdade, água com xarope. Se isso evoluísse, seria necessário enviar o concentrado e fazer a mistura com a água no próprio local de consumo", observou. As matérias-primas utilizadas no setor de bebidas capixaba são basicamente nacionais, com exceção da produção da cerveja, que ainda está por vir, e das embalagens pet, feitas da resina de petróleo.



# Indústria de calçados quer criação de pólo

Para reduzir custos e aumentar a concorrência, o setor necessita de incentivos

O setor de calçados não possui grande expressividade na economia do Estado e é um setor que, em nível nacional, mantém-se forte no Rio Grande do Sul e em São Paulo. Atualmente, tem se destacado também no Nordeste, principalmente nos Estados do Ceará, Paraíba e Bahia. No Espírito Santo, o setor não vem crescendo nos últimos anos e mantém o mesmo patamar dos últimos dez anos. Por outro lado, é um grande empregador de mão-de-obra e daí a vontade de se criar um pólo de calçados no Estado.

As informações são do presidente do Sindicalçados, Antônio Tavares Azevedo de Brito. O Sindicato possui 40 empresas filiadas, sendo que também são consideradas empresas do setor as que atuam no reparo de calçados e no campo de calçados ortopédicos. "O Espírito Santo não possui uma definição quanto ao tipo de calçado aqui produzido. No Rio Grande do Sul, por exemplo, o forte é o calçado feminino. Em Franca (SP), destaca-se a produção do sapato masculino". Além da Pimpolho, que atua na área de calçados infantis, o Estado possui, como empresas expressivas do setor, a Itapuã Calçados, que se destaca por calçados e chinelos masculinos, e a Ducouro, que se especializou na fabricação de calçados de segurança. "Há ainda outras empresas menores que têm grande diversidade de produtos", completou Antônio Tavares de Brito.

## MÃO-DE-OBRA

No Estado, o setor movimenta 2,5 mil empregos diretos e 1,5 mil indiretos. "Este setor geralmente se desenvolve em pólos e, se não houver um estratégia do governo no sentido de se criar um pólo de calçados no Espírito Santo, vamos ficar



Flávia Fernandes

O presidente do Sindicalçados disse que o setor movimenta 2,5 mil empregos diretos e 1,5 mil indiretos no Estado

sempre isolados do resto do país, pois o setor capixaba está pulverizado". Toda matéria-prima utilizada pelo setor é importada de outros estados brasileiros, basicamente Rio Grande do Sul e São Paulo. Já as mercadorias capixabas são comercializadas para estados com maior poder de consumo, como São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e o sul do país.

## EXPORTAÇÕES

As empresas capixabas que realizam exportações são a Pimpolho e a Calçados Itapuã. "Temos sofrido bastante com a exportação devido à queda do dólar e da concorrência dos produtos chineses no mercado brasileiro. Segundo a Associação Brasileira de Calçados, houve um crescimento, nos cinco primeiros meses do ano, de 153% de aumento na importação de



produtos chineses para o Brasil. Até o ano passado, esses produtos eram basicamente de calçados esportivos, como o tênis, mas hoje outros tipos de calçados têm sido importados. Em

decorrência disso, nossa exportação teve queda de 10% em comparação ao ano passado".

O perfil das indústrias de calçado capixabas abrange o médio e pequeno porte e a localização

das mesmas concentra-se em Cachoeiro de Itapemirim (Itapuã), Vila Velha (Pimpolho) e Cariacica (Ducouro e Realce Calçados). "A movimentação financeira da indústria do calçado na economia do Estado é muito baixa, mas há um outro lado a ser destacado, que é a responsabilidade social do setor. Apesar do baixo valor agregado em seus produtos, a indústria de calçados emprega muita mão-de-obra e é uma atividade que poderia ser até uma solução para o desemprego", ressaltou o presidente do Sindicalçados.

A Calçados Pimpolho, que tem 43 anos de atuação no mercado, exporta para mais de 25 países. "Nossa meta é atingir 10% de nosso faturamento, o que está sendo inviável devido à concorrência dos produtos chineses e à queda do dólar em relação ao real. Esperamos que a situação não dure por muito tempo, pois precisamos novamente conquistar mercados. Nossos produtos tem tido boa aceitação no mercado estrangeiro, muito devido ao designer desenvolvido. Essa é uma das vantagens dos produtos brasileiros na concorrência com os produtos chineses", informou.

Segundo ele, uma das dificuldades do setor no Espírito Santo é com relação à mão-de-obra. "Como estamos fora de um pólo de calçados, toda mão-de-obra necessária precisa de um alto custo de investimento, pois tem de ser preparada pelas próprias empresas. Isso gera um custo adicional na produção dos produtos. Outro problema é com relação à logística, pois toda nossa matéria-prima é proveniente dos Estados do sul do país, como Rio Grande do Sul e, sudeste, São Paulo. Já a nossa produção é basicamente exportada para outros estados. Então, essa logística é mais um custo que temos por estarmos fora de um pólo de calçados", avaliou.



# Informática busca crescimento e reconhecimento de mercado

Ainda sem possuir perfil completo do setor, Sindinformática destaca a Grande Vitória como pólo de desenvolvimento

**E**m pouco tempo, as máquinas se firmaram como padrão tecnológico e eliminaram do mercado as empresas que não tiveram capacidade de adaptação para alterar o mix de produtos. No Estado, a indústria da informática vem se desenvolvendo com êxito, apesar das restrições de mercado. Num universo de aproximadamente 4,5 mil empregos diretos, as empresas, que têm perfil de pequenas e médias, trabalham oferecendo os mais variados serviços.

"Nas três áreas de atuação da informática -software, hardware e serviços, as empresas capixabas atuam mais na área de serviços em geral", explicou Benício Lázaro, presidente do Sindinformática. Em sua opinião, o setor de informática capixaba está em expansão, apresentando sazonalidade, mas se destacando em termos de mercado nos últimos dois anos.

## MERCADO EXTERNO

Segundo informações do Sindinformática, na área de sistemas corporativos, a grande maioria dos produtos é oriunda de empresas distribuidoras. "Mas temos empresas capixabas que exportam produtos para outros países, principalmente os mercados da Espanha, Portugal e Argentina", disse Benício Lázaro.

Para ele, o perfil da indústria da informática vem se desenvolvendo de forma positiva, mas talvez, não tanto quanto o mercado necessita. O motivo, em sua opinião, é a falta de mão-de-obra qualificada, tanto na área de software, quanto na área de hardware. "Em alguns casos, cursos técnicos e do ensino médio estão melhores do que os oferecidos por algumas faculdades", observou.

## INCENTIVOS

Apesar dos pesares, a empregabilidade do setor está assegurada. "Enquanto existir qualificação, não haverá desemprego na área, pois é um dos segmentos que mais cresce no mundo". No momento, no Sindinformática está fazendo um levantamento para verificar o perfil do setor, levantando número de empresas no Estado, movimentação financeira e participação do PIB capixaba.

Benício observou a necessidade de incentivos por parte dos governantes. "Precisamos que os governantes incentivem o trabalho com produtos capixabas, que são de excelente qualidade". A preocupação é referente ao crescente número de empresas de outros Estados que vêm pra cá. "Às vezes, o poder público prefere comprar de outros mercados a comprar de uma empresa capixaba, mesmo sem ser feita uma análise técnica sobre a qualidade do produto capixaba. Comprando de uma empresa de outro Estado, o custo benefício é maior e isso prejudica a fomentação do mercado local".

Ainda falando sobre a área de atuação governamental, o presidente do Sindinformática disse que falta incentivo ao empreendedorismo, devendo o assunto ser ensinado nas escolas, já nos níveis de ensino fundamental e médio. "Não existe ainda uma preparação para ser empreendedor; nem mesmo nas faculdades e, na área de informática, formada por micro, pequenas e médias empresas, a maioria dos empresários é de empreendedores, não por vocação, mas por necessidade de sobrevivência no mercado. Daí se vê porque muitas empresas abrem suas portas, para depois fechá-las dentro de seis meses".



O presidente do Sindinformática cobra dos órgãos públicos ações para o incentivo ao empreendedorismo no setor

## PÓLO

No Espírito Santo, a maior concentração de empresas de informática ocorre na Grande Vitória e o presidente do sindicato disse que a tendência é aumentar ainda mais essa concentração, com a criação do pólo de tecnologia da Prefeitura Municipal de Vitória, o Pólo de Software de Vitória, que objetiva a criação de uma rede local de competências em desenvolvimento de softwares e serviços associados de qualidade global.

O projeto de criação do Pólo de Software de Vitória tem a

frente a incubadora de empresas Tec Vitória, criada em dezembro de 1995 como resultado de parcerias firmadas entre governos, Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e entidades representativas de empresas capixabas, as quais perceberam a vocação do Estado para tornar-se um relevante centro de produção de bens e serviços de alto conteúdo tecnológico.

Uma das preocupações do Sindinformática é quanto às empresas que vêm para o Espírito Santo e não se fixam, oferecendo apenas serviços na

concorrência de mercado. "O sindicato, em sua nova gestão, busca parcerias para junto a bancos poder obter financiamentos, para ministrar cursos e obter redução de custos para registro de marcas e patentes", disse Benício Lázaro.

## FINANCIAMENTO

O Programa para o Desenvolvimento da Indústria Nacional de Software e Serviços Correlatos (Prosoft), do BNDES, é outra ferramenta para incentivo à indústria da informática. Criado em abril deste ano, o programa visa oferecer nova linha de financiamento para beneficiar o setor de software no Brasil, formado por milhares de empresas que carecem de mecanismo de crédito automático e facilitado.

Com esse novo instrumento que o banco está disponibilizando, a expectativa é ter um mecanismo automático e rápido de financiamento para as vendas das empresas de software no mercado brasileiro. Com isso, a expectativa é aumentar a disponibilidade de crédito e de recursos para que o setor de software possa ampliar seu grau de informatização da economia como um todo. Isso significa dizer que as empresas demandantes que vão estar comprando softwares desenvolvidos por empresas brasileiras terão um mecanismo de financiamento com taxas do padrão BNDES, que são taxas de investimento de longo prazo, para se informatizarem.

O programa Prosoft Comercialização não faz discriminação em termos de propriedade do capital e, sendo assim, empresas estrangeiras também poderão buscar o financiamento do BNDES para aquisição de softwares brasileiros, do mesmo modo que não haverá discriminação com quem estiver vendendo o programa. No caso, uma empresa estrangeira que desenvolver um software no Brasil usando tecnologia nacional e empregando mão-de-obra qualificada brasileira poderá vender seu produto pelo Prosoft Comercialização.



# Torrefação quer investimentos tecnológicos

Para isso, o sindicato da categoria luta pela redução tributária para a compra de maquinário e intensificação do parque industrial capixaba

O setor cafeeiro emprega diretamente, em seu parque industrial, 500 pessoas, mas há de se considerar o emprego externo que movimentava a área de comercialização e de divulgação, o que aumenta para uma média de 900 empregos os números do setor. Os números podem aumentar ainda mais se analisada toda a cadeia do café, desde a produção até a industrialização do produto, onde são estimados quatrocentos mil empregos no Estado, sendo que a área de produção é a que mais emprega, fixando 75% dos quatrocentos mil empregos citados.

Com movimentação de 1 milhão de toneladas ao mês, o setor cafeeiro do Estado tem faturamento de R\$ 6 milhões mensais, sem considerar a indústria do solúvel, e o Espírito Santo é um dos poucos estados brasileiros que oferece variedade da bebida, com cinco tipos: duro, mole, rio, riado e rio zona. O desenvolvimento tecnológico para o setor é um dos objetos de discussão do Sindicato da Indústria de Torrefação e Moagem de Café do Espírito Santo (Sincafé), que estima pela redução da tributação para compra de maquinário.

## INCENTIVOS

"Está sendo elaborado um estudo, que será enviado ao governo do Estado, para que ele possa nos abrir um diferencial de alíquota. Hoje, quando se adquire um equipamento para desenvolvimento do parque tecnológico, paga-se 10% de diferença de alíquota. Essa diferença é que vamos negociar junto ao governo, pois queremos investir em tecnologia e fortalecer o setor empresarial. Ou seja, vamos permitir que as micro e pequenas indústrias do setor de torrefação

tenham acesso à tecnologia e passe a competir em condições de igualdade", explicou Egídio Malanquini, presidente do Sincafé.

Ao final do ano passado, a indústria capixaba de café recebeu incentivo do governo estadual, com redução de alíquota de 12% para 7%, para comercialização de produtos para o mercado brasileiro. "Isso equiparou a alíquota e possibilitou a venda para os grandes centros consumidores do país. Isso foi um grande feito para que a indústria do café capixaba pudesse romper suas fronteiras e aumentar sua produção. Com isso, mais empregos foram criados, assim como divisas para o Estado", disse Egídio Malanquini.

Atualmente o Estado possui 35 indústrias de torrefação classificadas como grande, média, pequena e micro. Dessas 35 indústrias, 80% fazem parte do universo de micro e pequenas indústrias e estão localizadas na região de montanha, além da região Sul do Estado. As indústrias de médio porte representam 20% do mercado e estão localizadas na região Norte, na Grande Vitória e região sul e centro-serrana, onde predomina a produção e industrialização com mão-de-obra familiar.

"Uma ressalva é que o setor precisa, urgentemente, incentivar, por parte até do próprio governo, as pequenas e micro indústrias que estão surgindo, para que elas possam se formalizar. Muitas estão ilegais e ainda não têm uma capacitação de treinamento voltada para a qualificação no manuseio do produto. Isso me preocupa muito porque se passa a comprometer a qualidade do produto capixaba", observou o presidente do Sincafé.

Durante o mês de agosto, o Sincafé estará capacitando e treinando 28 empresas, dentro dos no-



Flávia Fernandes

O presidente do Sincafé destacou a qualidade do café das montanhas capixabas e a constante melhoria do nosso conilon

vos modos da vigilância sanitária, que hoje exige maior cuidado com o produto para que não seja comprometida a qualidade. Isso é uma preocupação do setor no que se refere à reserva da imagem.

## MERCADO

Os produtos capixabas já são encontrados no norte de Minas Gerais (70%), Sul da Bahia (60%) e, agora, o mercado fluminense está sendo o mais novo atrativo. "Isso está fortalecendo a indústria capixaba e, por isso, dificilmente uma indústria de outro Estado virá se instalar aqui. Essa mudança se deu durante a década de 90", observou Egídio Malanquini. Segundo ele, o Espírito Santo possui pequenas e médias indústrias instaladas que possuem um dos melhores parques industriais do Brasil. "Falo isso porque conheço. Hoje, em termos de tecnologia, manuseio, higiene, competência, variedade e qualidade, o ES vence".

Uma das novidades do perfil do mercado capixaba foi revelada na última pesquisa da Associação

Brasileira da Indústria de Café (Abic), onde o Espírito Santo se destacou como uma das melhores médias nacionais quanto ao consumo per capita de café. O Estado possui 3,85% consumo de café per capita, em nível de Estado e, em nível nacional, aparece com participação de 3,5%. "Estamos hoje com um dos maiores crescimentos per capita em termos de consumo e, no meu entendimento, a cafeicultura capixaba está amadurecida, principalmente após a década de 90, com a abertura da economia, onde o Brasil passou a ser uma vitrine tanto no conceito de exportação, quanto de importação", acrescentou Egídio Malanquini.

Em sua opinião, as indústrias capixabas melhoraram o parque industrial e a ação foi refletida até mesmo nas pequenas empresas que, em sua maioria, atuam num mercado segmentado, ou seja, passaram a agregar valor ao produto. "Buscando um diferencial em cima de uma nova bebida, em virtude da cafeicultura ter aprimorado seu trabalho na

produção, mais especificamente na região de montanha, onde ocorreu a qualidade de produção", explicou Malanquini.

Segundo o Sincafé, predomina no mercado do Espírito Santo o consumo da bebida capixaba. "Ainda que tenhamos no Estado grandes redes nacionais e internacionais de supermercados, que oferecem novos produtos e até produtos importados na área de café, o que predomina é o consumo do café capixaba, muito devido à tradição". Atualmente, 85% do café consumido no Estado é de marca local e o Espírito Santo é um dos poucos estados brasileiros que apresenta esse perfil.

"Temos informação da Associação Brasileira das Indústrias de Café. O Espírito Santo é um dos poucos estados brasileiros onde as marcas externas têm dificuldade de se fixar junto ao consumidor. Às vezes, a gente até avalia que o capixaba resgata realmente a cultura e valoriza o que é da terra. Se o capixaba não tem auto-estima em outras coisas, no café, pelo menos, ele tem".

O setor de torrefação e moagem de café anseia por investimentos tecnológicos e, para assegurar a sustentabilidade do segmento, será preciso evoluir nessa questão. "Isso significa que as indústrias locais vão, cada vez mais, diversificar seus produtos, com variedade para o consumidor e permitindo concorrência em termos de igualdade", disse Egídio Malanquini. As empresas capixabas do setor têm caráter familiar e, por esse motivo, a solidez é destacada, pois há conhecimento sobre o domínio do negócio. "Isso dá condições de sobrevivência a todas essas concorrências que ocorrem no mercado. Por isso digo que o setor industrial de café está muito maduro para suportar a guerra de preços que sempre irá existir. O foco do produto capixaba está em cima da qualidade e variedade do produto a ser oferecido ao consumidor", disse o presidente do Sincafé, destacando o café produzido na região de montanha e o conilon, que vem se aperfeiçoando na região norte do Estado.



# Indústria alimentícia: muitas empresas e poucas estatísticas

Envolvendo diversos produtos, a indústria de massas capixaba sabe que é grande, mas precisa de organização para gerar mais empregos. Para cada empresa legalizada, existem 2,5 na informalidade

O setor de massas no Espírito Santo caracteriza-se por produtos derivados do trigo, da mandioca, milho e até mesmo da banana. São biscoitos de diversos tipos, pizzas, bolos, macarrão, capeletti e, pelo grande universo de produtos, a maioria de produção familiar, o Sindimassas não possui um raio-X do setor, para saber o exato número de empresas no Estado.

"Para isso, está sendo iniciado junto ao Sebrae-ES uma pesquisa para saber quantas empresas existem no Estado, onde estão localizadas e quantas são, na realidade", disse Luiz Cláudio Nogueira Muniz, presidente do Sindimassas. Mesmo sem existir números exatos, uma pesquisa do IEL, realizada no final do ano passado, mostrou que, para cada empresa legalizada, existem 2,5 informais. "Para se ter idéia, essas empresas informais existem em todo território do Espírito Santo. De Ecoporanga a Bom Jesus do Norte, muita gente faz algum tipo de massa ou produto derivado do trigo, ou derivado da mandioca. São números expressivos no Estado", avaliou o presidente do Sindimassas.

A maior parte das empresas do setor é formada por micro empresas e, ao contrário do que usualmente se pensa, não são todas essas indústrias que têm o trigo como produto principal. São empresas que usam derivados do milho, mandioca, enfim, diversos produtos oriundos da agricultura. Devido ao universo de trabalho, Luiz Cláudio Nogueira Muniz disse que o Sindimassas precisa ser repensado, devido à quantidade de empregos oferecidos.

"Não há estatísticas sobre o número de empregos, mas o IEL diagnosticou que, somente na Grande Vitória, há em torno de 300 empresas, com média de 10 a 20 funcionários. Então, a média de empregos diretos varia de três mil a seis mil. Temos ainda os empre-

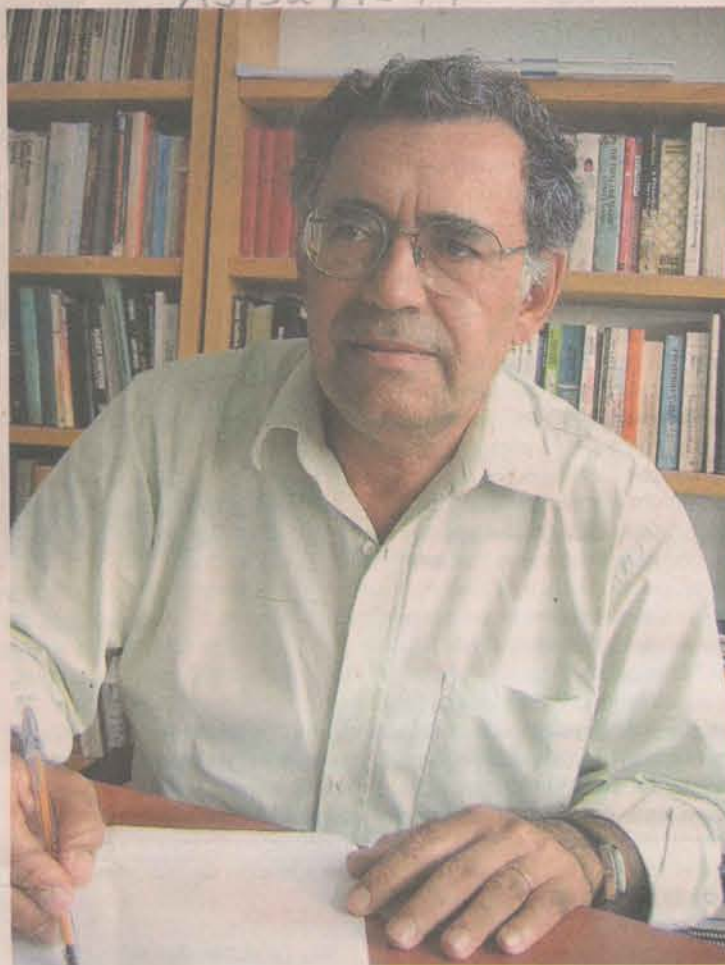
gos gerados nas médias empresas do Estado, pois não temos grandes empresas capixabas no setor. Assim, acredito que o número de empregos diretos chega a cinco mil no Estado", estimou o presidente do Sindimassas.

O sindicato foi criado na década de 90 e está em processo de reestruturação e aumento do quadro de associados. "Hoje, quem não se associa a um sindicato fica sem saber o que está acontecendo no setor e, muitas vezes, pode estar pagando impostos e taxas de forma errônea. Por exemplo, derivados de mandioca, como o polvilho, não há necessidade de se pagar determinados impostos, como algumas empresas podem estar pensando que têm de pagar", alertou Luiz Cláudio Nogueira Muniz.

Das empresas que se destacam na economia do Estado, está a Villoni, maior empresa do setor de massas. De marca bastante conhecida, a empresa emprega em torno de 400 funcionários. A Villoni iniciou sua produção de massas de forma artesanal e hoje a Villoni Alimentos é o grupo que detém as principais marcas em seu segmento: Villoni, Sarloni, Apollo e Alcobaça. A fábrica, situada em Viana, possui mix com mais de 70 produtos distribuídos entre suas marcas e trabalha com equipamentos de alta tecnologia. A Villoni Alimentos atua em todo o Estado, além de ter representantes nas cidades do Rio de Janeiro, Bahia e Minas Gerais. Além da Villoni, a Queops e Firenze são outras duas empresas de maior destaque no setor de massas da economia capixaba.

## ILEGAL

Segundo o Sindimassas, a maior parte das micro empresas está atuando de forma ilegal no mercado. "O maior desafio é a regularização dessas empresas e não só isso: queremos que as empresas que já estão atuando de forma legal



Flávia Fernandes

Para o Sindimassas, a questão higiênica é um dos desafios do setor, principalmente pelo fato de a maioria das empresas ter perfil familiar

permaneçam na legalidade. A tributação do ICMS não é nem tão alta assim, mas o que onera são as diversas taxas que as prefeituras cobram, como renovação de alvará de funcionamento, taxa de fiscalização, taxa de alvará sanitário, taxa de meio ambiente, etc. Todas essas taxas não permitem que a micro empresa atue de forma legalizada. Além disso, há a parte burocrática que atrapalha o setor. Me pergunto por que é preciso renovação anual de certos procedimentos. Falo isso porque acho que esses valores de

taxas cobrados não são tão significantes para a economia de prefeituras e do governo. Tenho minhas dúvidas", criticou o presidente do Sindimassas.

Em sua opinião é preciso que seja criado um grupo para desburocratizar os procedimentos das leis públicas. "Precisamos disso de forma clara e objetiva para que se diminua o excesso de burocracia no Estado, principalmente nas prefeituras", definiu. É provável que o universo das indústrias de massas e ali-

mentos do Espírito Santo seja em torno de 500 empresas. A movimentação dessas empresas chega a R\$ 300 milhões ao mês, segundo estatísticas do Sindimassas e a característica dessa indústria é de mão-de-obra familiar e feminina, principalmente nas micro e pequenas empresas, onde a exigência de investimento é muito pequena.

"Ao meu ver, é um setor que tinha de ser mais estimulado, mais pesquisado, mais visto, pois o setor emprega muita gente. O grande drama desse setor é quanto à vigilância sanitária porque os parâmetros e normas são para grandes empresas e aí há um problema sério, porque para seguir as normas da vigilância sanitária, o investimento precisa ser alto", disse Luiz Cláudio Nogueira Muniz.

Outra preocupação do sindicato é quanto ao grau de higiene, principalmente nas pequenas e médias empresas. "O desafio é convencer esse pessoal a ter o mínimo de higiene para se vender algum produto com qualidade. Visitei uma indústria informal, onde toda a família trabalhava, e fiquei horrorizado com a total falta de higiene e o pior: o produto é vendido em bares e restaurantes da Grande Vitória", alertou o presidente do Sindimassas.

As pequenas empresas, geralmente, vendem seus produtos no mercado interno, principalmente a Grande Vitória. Já as grandes e médias empresas vendem para mercados de outros estados brasileiros, como Minas Gerais, Sul da Bahia e Rio de Janeiro. "Normalmente quem fabrica na região de montanha, vende para a Grande Vitória e um pouco para as cidades de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Há muitas fábricas de Minas Gerais que vêm vender aqui, principalmente de amanteigados. Essas fábricas costumam vender nas feiras públicas e, muitas vezes, é uma concorrência até desleal", analisou o presidente do Sindimassas.



# Garoto produz 80 mil toneladas por ano

Com 76 anos de história, a Chocolates Garoto movimenta R\$ 100 milhões na economia do Estado

**N**a indústria de produtos de cacau, balas, doces e conservas alimentícias, a Chocolates Garoto se destaca por ser a maior empresa do setor, empregando, na época da produção para a Páscoa, de agosto a março, de 2,5 mil a 3,1 mil funcionários. A produção da Chocolates Garoto é de 80 mil toneladas de chocolate ao ano e a movimentação na economia do Estado é de R\$ 100 milhões anuais, sendo a massa salarial avaliada em R\$ 1 bilhão, segundo dados do faturamento de 2004.

A Garoto é a terceira maior em vendas de chocolates no Brasil, com cerca de 24% do mercado e a empresa exporta 15 mil toneladas para mais de 60 países. "O Estado do Espírito Santo é uma das grandes destaques da economia brasileira e é muito bem visto para investimentos, principalmente devido à sua logística e localização privilegiada", disse o gerente de Recursos Humanos da Garoto, Alcio Araújo.

Instalada em Vila Velha, possui linha industrial com mais de 100 produtos que são comercializados internamente e exportados. Com parque industrial de alta tecnologia, a empresa conta com duas unidades industriais que somam 68 mil m2 construídos, em uma área total de 200 mil m2. Nos últimos cinco anos, a Garoto investiu fortemente na modernização e ampliação de seu complexo industrial. Parte do investimento foi destinado à construção do maior e mais avançado centro de armazenagem vertical da América Latina, o Centro de Distribuição do Espírito Santo (CDES). Além do CDES, sua estrutura de distribuição no território nacional é composta por dois outros centros, situados nos Estados de São Paulo e Paraná.

## BALAS

Fundada como fábrica de balas, a Garoto transformou-se nu-



Carlos Alberto da Silva

Na época de produção, a fábrica emprega até 3,1 mil funcionários

ma moderna indústria ao longo das sete décadas de existência. Atualmente, a empresa oferece diversificada linha de produtos como bombons, tabletes, achocolatados, pastilhas, candy bars e outros como chocolate em pó, cacau em pó e cobertura ao leite, branca e meio amarga.

A cada ano, a Garoto traz novidades em seus produtos e, durante o período da Páscoa, considerado o mais importante para as indústrias de chocolates, a Garoto contratou 2,8 mil promotores para auxiliar na exposição da marca e no atendimento ao consumidor nos principais pontos-de-venda do País.

Além dos produtos específicos para a Páscoa, a Garoto investiu também em outros lançamentos. Entre os destaques estão a nova versão da famosa Pastilha

Garoto, a Cereja Fresh e a caixa de bombons Mundy Collection.

## SINDICATO

O presidente do Sindicato da Indústria de produtos de Cacau, balas, doces e conservas alimentícias do Estado (Sindicacau), Jorge Ferreira da Silva, avaliou o momento econômico favorável para as médias e grandes empresas, porém, para as pequenas e micro, maioria do setor, a perspectiva é de crise financeira.

"Temos 28 empresas no Estado que estão vivendo um momento de dificuldade devido à concorrência com doces caseiros, que não pagam tributos", disse Jorge Ferreira da Silva. O presidente do Sindicacau disse ainda que o setor das médias e micro empresas movimenta R\$ 100 mil, men-

sais na economia do Estado.

## ÁREA SOCIAL

Além de fabricar chocolates, a Garoto investe em programas sociais, ajudando oito instituições: Artesanato Obra Social Cristo Rei, Associação Assistencial a Velhice, Sociedade Pestalozzi do Espírito Santo, Fundação André Luiz Asilo dos Velhos, Creche para Crianças (Adecal), Escola de Excepcionais Nossa Senhora da Penha (Expenha), Lar Frei Aurélio Stulzer, Educandário Alzira Bley e Casa da Acolhida. A cada dois meses, são doados produtos alimentícios e, mensalmente, uma verba em dinheiro. Todas essas instituições são atendidas desde 1994, com exceção da Casa da Acolhida que passou a fazer parte dos projetos assisten-

ciais em 2000.

Em outubro de 2003, a Garoto aderiu ao Projeto Agenda XXI do município de Vila Velha. A proposta é elaborar, junto à administração municipal, um planejamento de ações para orientar o desenvolvimento da cidade até o ano de 2015. A Garoto também patrocina o projeto Sala de Leitura, que oferece apoio para instalações de mini-bibliotecas em diversas instituições de ensino da cidade de Vila Velha.

A Garoto também está presente no esporte, com a tradicional Dez Milhas Garoto, corrida capixaba reconhecida como prova oficial do calendário da Confederação Brasileira de Atletismo. A Garoto também patrocina a Copa Garotada de Futebol de Areia, um campeonato que conta com a participação de cerca de 650 alunos de 37 escolas públicas municipais das cidades de Vitória e de Vila Velha. A empresa também atua na área do patrocínio esportivo, apoiando atletas capixabas de diferentes modalidades.

## MEIO AMBIENTE

Para garantir que as águas utilizadas na fábrica retornem às galerias pluviais sem acarretar danos ao meio-ambiente, principalmente às águas de rios e mananciais, a Chocolates Garoto conta com uma ETE - Estação de Tratamento de Efluentes. A estação é responsável pelo tratamento das águas sanitárias e de processos provenientes da indústria. O sistema possui capacidade diária de tratamento para 500 m3 e conta com moderno laboratório de análises e monitoração para a garantia da segurança e resultados em sua operação. O primeiro passo para a realização do projeto foi a separação das águas pluviais, sanitárias e de processos, em todas as instalações da empresa. No total o projeto contou com investimentos de R\$ 8 milhões.



# Indústria têxtil: aumento de 16,05% em um ano

AJ13214-16

Principal indutor do crescimento industrial, o setor têxtil luta por incentivos fiscais, principalmente para aumentar a competitividade com produtos chineses

**A** indústria têxtil se destaca como produtora de um dos artigos de consumo mais essenciais da população e, no Estado, o setor é composto por micro, pequenas e médias empresas (98%). Conhecida como principal indutora do crescimento industrial da maioria dos países desenvolvidos e das economias emergentes, a indústria têxtil é o único setor de transformação que goza de um capítulo específico nos relatórios publicados pela OMC (Organização Mundial do Comércio). No Brasil, a sua importância não é

menor, tendo desempenhado um papel de grande relevância no processo de desenvolvimento e industrialização do país.

"O setor têxtil é caracterizado pela habilidade de desenvolver artigos para vestuário de moda com grande qualidade, utilizando modernos processos tecnológicos", distinguiu a presidente do Sindutex, sindicato da indústria de fiação e tecelagem, Mariluce Polido Dias.

A indústria do vestuário capixaba é responsável pela manutenção e ensino de mais de

25 mil postos de trabalho. "É na fábrica que milhares de mulheres adquirem a dignidade de um emprego com carteira assinada e, assim, podem melhorar as condições e qualidade de vida", comentou a presidente do Sindutex.

No Estado, existem 1,6 mil confecções, uma empresa de fiação e outra de tecelagem. Nos últimos 12 meses, o nível de emprego no setor têxtil teve aumento de 16,05%, enquanto os setores de vestuário e calçados conquistaram crescimento de 4,76% em relação ao ano ante-

rior. "A indústria têxtil, principalmente no segmento de confecção, tem buscado ampliar seu parque industrial e mercado, mesmo que isso signifique grande risco de prejuízo causado pelas importações ilegais e imorais. Portanto, nosso desafio é sensibilizar o poder público quanto às importações oriundas da China, que tiram as oportunidades de empregos de milhões de brasileiros. A carga tributária e a legislação trabalhista atrapalham o processo de competitividade, reduzindo as melhorias advindas do setor para o estado e o país", ressal-

tou Mariluce Polido Dias.

Mesmo com dificuldades relacionadas à carga tributária e à desaceleração econômica do mercado interno, as exportações brasileiras, nos primeiros cinco meses de 2005, cresceram 11,6% comparadas ao mesmo período de 2004. O principal impulso desse aumento está relacionado ao aumento das vendas externas de fibras de algodão (+ 76%), tecidos de algodão (+ 7,2%), tecidos de filamentos sintéticos (+27,5%), vestuário de tecidos planos (+17%) e falsos tecidos (+275).



## VALE ACREDITAR NO FUTURO. VALE INVESTIR NO ESPÍRITO SANTO.

R\$ 1 bilhão de investimento no Estado em 2005.  
Mais de 2 milhões de pessoas beneficiadas. Incluindo você.

Edmara Lúcia - Analista de administração da CVRD

### VALE A UNIÃO. VALE O TRABALHO.

Em 2005, a Companhia Vale do Rio Doce vai investir R\$ 1 bilhão no desenvolvimento do Espírito Santo.

### VALE A BATIDA DE CADA CORAÇÃO.

Empresa socialmente responsável, a Vale desenvolve diversos projetos sociais, beneficiando as comunidades onde atua.

### VALE TODA GRANDEZA, QUE RESPEITA A NATUREZA.

A Vale respeita o meio ambiente, por isso vai investir ainda mais em tecnologia ambiental e em projetos de pesquisa e preservação.

### VALE TODA FORÇA, VALE OLHAR PRA FRENTE.

Por acreditar na força do capixaba, a Vale vai gerar novos empregos, beneficiando o crescimento do mercado.

### VALE TODA COR, TODA RAÇA E TODA A FÉ.

Tudo isso é o compromisso da Vale com a sociedade, o meio ambiente, os nossos empregados e com você.

VALE. A EMPRESA PRIVADA QUE MAIS INVESTE NO BRASIL.